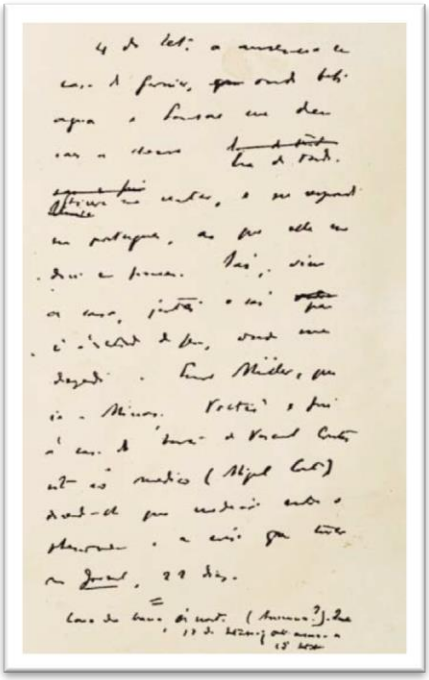
Salomão Rovedo

Machado de Assis



Fragmentos de um diário inédito

Rio de Janeiro
2019

Introdução

Em busca de tema para ilustrar artigo sobre o 180º aniversário de nascimento de Machado de Assis (1839-2019), andei frequentando o espaço que leva o seu nome, criado pela Academia Brasileira de Letras em 1999. Por toda a parte, no Brasil e exterior, Machado de Assis está tendo, merecidamente, o seu universo esmiuçado aos mínimos detalhes, o que em pouco tempo o igualará a Miguel de Cervantes, do qual se esgotam temas a desenvolver sobre a vida e obra.

No Centro Cultural da ABL está o Espaço Cultural Machado de Assis, justamente criado para atender a enorme demanda que envolve pesquisadores, alunos, mestrandos, escritores e jornalistas que afluem de todas as partes em busca de material que irá alimentar os seus trabalhos.

O endereço é:

Espaço Machado de Assis - Centro Cultural da ABL
Av. Presidente Wilson, 203 - Castelo - Rio de Janeiro (RJ)
CEP 20030-021 - Tel.: (0xx21) 3974-2500 Ramal 2510
e-mail: machado@machadodeassis.org.br

O Espaço coloca à disposição do pesquisador algumas relíquias do escritor, manuscritos, móveis, tudo disposto a deixar no ambiente a mesma impressão do cotidiano em que o escritor vivia na Rua Cosme Velho nº 18, no bairro de Laranjeiras. Ao ter acesso a lugar assim planejado tanto o pesquisador quanto o visitante terá oportunidade de fazer minucioso garimpo em busca de temas inéditos ou meramente andar pelo local como se estivesse em visita-surpresa na própria residência de Machado de Assis.

Apesar dos limites estruturais, o lugar oferece recursos suficientes e simples para facilitar o relacionamento entre o usuário e a informação deixando a impressão de estar na presença física do escritor e que o próprio Machado de Assis estivesse ali ao seu lado dando entrevista, explicando os porquês, tirando dúvidas, sugerindo e indicando caminhos a percorrer. Ao acessar o ambiente entra-se de chofre na vida e obra do grande escritor, sua produção intelectual e artística, maculando as almas sensitivas que o rodearam em vida e que ele mesmo não cessa de inspirar.

Ali fui muito bem recebido por uma das curadoras do local, que me ofereceu inestimável suporte depois de saber quais os assuntos de meu interesse sobre Machado de Assis. Antes de me aprofundar na pesquisa circulei pelo ambiente em meio ao mobiliário e objetos pertencentes à vida

íntima e cotidiana do casal Carolina e Machado no sobrado na Rua Cosme Velho. Até mesmo o antigo tabuleiro de xadrez, cujas peças perderam o viço e são somente decorativas, estava exposto. Após pedir licença à curadora, tomei a liberdade de arrumar as peças, que estavam espalhadas aleatoriamente, com os movimentos iniciais da abertura Ruy Lopez.

Somente então, após surtar nesse núcleo impregnado pelo século XIX, me senti invadido pelo espirito da época. O cheiro da Mata do Corcovado, o silêncio só interrompido pelo chacoalhar das águas do riacho Carioca, que sussurravam como as asas do beija-flor, eram mostras inequívocas da presença dele...

Só após tomar esse choque espiritual, duramente enfeitiçado pela magia do bruxo do Cosme Velho, e debaixo da enorme pressão causada pelo expressivo painel assinado por Glauco Rodrigues, exclusivamente feito para aquele Espaço, pude arriscar alguma intimidade com documentos, peças do acervo museológico, alguns manuscritos e muitos artigos bibliográficos sobre Machado de Assis, sempre seguindo as referências inestimáveis da assessora.

Depois de descrever a ela quais as minhas intenções e objetivos me foram apresentadas uma série de arquivos catalogados e organizados, dos quais me atraíram o interesse duas séries, como são chamadas as coleções:

> Série 1 - Comodato UFRJ/UNIRIO/ABL - Data de produção dos documentos: 1857-1908. Dimensão e suporte: 88 documentos textuais. Âmbito e conteúdo: Série constituída pela correspondência pessoal de Machado de Assis e de amigos e familiares, de contratos de edição de sua obra, de poesias e anotações de Machado de Assis. Sistema de arranjo: A série comodato é formada por cinco subséries: Correspondência Pessoal, Correspondência de Terceiros, Diversos, Documentos Pessoais e Produção Intelectual.
>
> Série 4 – Diversos. Data de produção dos documentos: 1854-1908. Dimensão e suporte: 20 documentos textuais. Âmbito e conteúdo: Constituída por documentos de natureza diversa, tais como recibos emitidos em nome de Machado de Assis, no período em que este era funcionário do Ministério da Indústria e Viação e Obras Públicas, cartão postal com poesia e imagem de MA, revistas com artigos sobre Machado de Assis, álbuns de recordações que pertenceram a Carolina Machado de Assis, etc. Sistema de arranjo: A série "Diversos" está ordenada cronologicamente, exceto alguns documentos que foram identificados e incorporados ao acervo após a organização.

Ainda dei uma olhada breve na

> Série 7 – Iconografia. Data de produção dos documentos: [18??]. Âmbito e conteúdo: Constituída por fotografias de Machado de Assis, de sua esposa

Carolina, de sua residência e de amigos com dedicatória a Machado de Assis. Sistema de arranjo: A série Iconografia é formada por uma subsérie, denominada Fotografias.

Devo confessar que a maravilhosa impressão inicial murchou diante da primeira leitura do material oferecido. Pelo visto não encontraria ali o material desejável para fazer tremer os ossos do Conselheiro Aires e Dona Carmo. Estava nesse desânimo quando abri a última pasta, cuja importância podia ser medida pela quantidade de etiquetas nela coladas: mais parecia uma mala de viajante que guardados do escritor.

Enfim, folheei o conteúdo com o devido respeito, mas ali não havia a ordem cuidadosa que norteava tudo o que então havia visto. Era um montículo de papeis avulsos, rabiscos sem nexo, escritos com a tinta borrada por respingos de água, manuscritos sucintos, às vezes palavras a esmo sem formar frases. Coisas assim.

Nada havia ali algo com que se pudesse ordenar ou conceber alguma concatenação. Até mesmo a datação era espúria, porque muitas vezes executada com caneta ou lápis diferente do manuscrito original. O que fazer? O prazo se esgotou e fiquei sem material para homenagear os 180 aniversários de Machado de Assis. Enfim, como não havia nada a fazer, tentei ordenar aquilo tudo baseado nas datas estimadas, conforme as anotações originais, dando-as como verdadeiras. Assim, devido às circunstâncias especiais, acredito que cheguei ao consenso possível.

Isso porque toda aquela recolha não se tratava nem de material inédito, nem de diário, na expressão formal da palavra. Antes, eram textos e notas que tanto serviriam a um diário quanto à inclusão em obra que estava ou seria algum dia escrita. Também poderia encontrar ali uma frase colhida num instante raro e que ali ficaria, semente infértil, ideia que jamais seria plantada em alguma obra, despida de utilidade. Outra anotação, extrapolando esse conceito, poderia ser apenas fruto de pensamento momentâneo, uma ideia ocorrida num lapso de tempo, a citação de textos de carta ou escrito dos muitos amigos correspondentes. Enfim, era um material variado, uma miscelânea, em que tudo cabia e a tudo correspondia.

Tal era a natureza do material esparso que escolhi selecionar, esperando colher algum fruto. Mas após a primeira arrumada tive que expurgar aquilo que não servia para nada. Palavras soltas, textos riscados de maneira a torná-los ilegíveis, letras associadas a números que, após tantos anos, não significavam nada a não ser para o próprio Machado de

Assis, nome de pessoas. Fiquei com tudo que tivesse significado, mesmo frases curtas e curtíssimas. Enfim, garimpo é garimpo. A tarde caía e dentro de alguns minutos o Espaço Machado de Assis encerraria as atividades do dia. Anamaria mais uma vez ajudou-me a fazer cópia de tudo pelo telefone celular, garantindo material suficiente para o trabalho pretendido.

Depois de assumir o compromisso de entregar cópia se o trabalho fosse publicado, fui ruminar sobre as coisas que ouvi e vi sobre Machado de Assis, bebendo cerveja artesanal no Bar Academia, ali pertinho, acompanhada de picanha em fatias, mal passada, acebolada, com torradas, imaginando um Machado de Assis subnutrido, débil e fragilizado pela doença e pela ausência de Carolina.

Algumas notas sugerem grave impotência diante dos fantasmas das mulheres, que reaparecem para perturbar seus pensamentos: Carmo, Fidélia, Marcela, Leonora, Hylda, Carolina, Jovita e Perpétua. Todas assomam em liberdades com ele, se movem como peças de uma partida de xadrez e interagem entre si. Caçoam dos escambos, das más influências, permitem trocas de nomes e papeis, pesando a importância de cada movimento que executam, como estratégia de princípios que regem o tabuleiro da vida. O que querem?

Teria o velho se entregue de vez? Sim. A solidão, a epilepsia, a velhice e a falta de Carolina obrigam-no a estreitar a amizade com fantasmas. O Conselheiro Aires jamais falhou em seus pensamentos, livre de estigmas, jamais está doente, pode sorrir de tudo e todos. Sem os dramas interiores, o seu amigo Aires pode ter a mulher que quiser, na cama que escolher. Liberal e republicano, diferente dele, Aires perde o ceticismo e manifesta plena capacidade de viver, de sentir, de vibrar como o sino das catedrais. Apesar de dona Carmo, pode cortejar livre e sem censura a Fidélia, a Hylda, a Paloma, ou a qualquer mulher que encontre no bonde. A sombra da saudade punge-lhe o espírito na lembrança de Carolina, mas lampeja no Conselheiro Aires a luz da esperança.

Se a doença de Machado de Assis o acompanhou desde a infância, sem comprometer as funções físicas e intelectuais, na velhice trouxe a reboque os piores fantasmas, até mesmo alguma modificação do temperamento, como a confissão de ódio disso e daquilo, que aparece nas cartas e anotações. A sua vida já é a própria epilepsia, apenas amenizada pelo companheirismo e amizade com o irmão de infortúnio Mário de Alencar. Ambos registram e trocam cartas sobre os ataques convulsivos, os danos colaterais as breves “ausências” (perda de sentido), sonolência temporária, sensações gustativas e odoríferas falsas. As manifestações da

doença, a busca de medicação que possa amenizar os efeitos nervosos, os recursos para tentar neutralizar os danos – tudo é registrado e compartilhado pelos dois amigos em cartas e conversas. Os encontros e visitas que trocam é também remédio psicológico que alivia o trauma das crises.

O sofrimento tem o seu auge quando Augusto Malta registra o exato momento do ataque epilético sofrido por Machado de Assis no Cais Pharoux (hoje Praça XV de novembro), a 1º de setembro de 1907, ilustrando a notícia do jornal A Gazeta do dia seguinte:

> "Numa tarde em que, com seus confrades, o Dr. Machado de Assis aguardava no cais Pharoux o desembarque de um visitante ilustre, foi surpreendido pela crise do mal que o acomete. O distinto Presidente da A.B.L. foi de imediato cercado por populares e amigos que, na ânsia de socorrê-lo, trataram de ampará-lo e oferecer um conforto mínimo. Estava presente o médico Dr. Mendes Tavares, que o acudiu na emergência fazendo-o tomar um cordial. O fotógrafo Augusto Malta, presente, fixou um instantâneo do episódio".

O mal viria recrudescer nos momentos mais infelizes da sua vida: após o falecimento de Carolina, a epilepsia se sentaria lado a lado com a senilidade. Na fase final, a solidão e o luto aceleram a evolução da doença rumo ao ápice, aterrorizam-no as crises, as "ausências", como costuma fantasiar. Não tendo mais nenhum recurso clínico ou psicológico para controlar o mal, se pode reconhecer que o fim estava próximo.

Fragmentos de um diário inédito

1905

(quarta-feira, 11 de janeiro)

Acordei um pouco enfermo. E se não fraquejar, apesar do mal-estar vou para o meu ofício, doar o meu modesto subsídio para a futura história.

(sábado, 4 de fevereiro)

Estou ainda muito próximo a uma enorme injustiça para descrer do mal. Em verdade, para o artista o sofrimento é a melhor parte da vida. Vou, pois, deitar-me sossegado, satisfeito de não me ter enganado nem com os homens nem com as coisas.

(quinta-feira, 20 de abril)

Ainda agora padeço os efeitos do golpe que recebi há seis meses. Não serei já o que fui por muito tempo. Nada mais há cansativo que ler pensamentos.

(segunda-feira, 2 de outubro)

O meu silêncio foi longo, mas eu tive as razões de viver metido em mim mesmo, só neste mundo, tendo dele perdido tudo. Já não escrevo como outrora. Estou velho, fraco e doente.

(sexta-feira, 20 de outubro)

A desventura de perder a companheira é igual à de perder a metade de si mesmo. A tristeza da outra metade ao recapitular só os quadros da vida passada, deve ser de uma angústia indescritível, só atenuada para os que têm a ventura de crer na consoladora lenda da futura vida paradisíaca.

(domingo, 20 de novembro)

Eu não me sinto com o gosto de outrora. Escreveria outra coisa, se pudesse, mas a idade e mais que ela o estado mórbido não me consentem grande esforço. Até mesmo o tédio cansa.

(segunda-feira, 21 de novembro)

Já não vale a pena envelhecer. Acha-se no fim de alguma coisa que a boa vontade sabe compor e dar, em compensação da viagem árdua e longa. Nada escapa à velhice.

1906

(domingo, 7 de janeiro)

Tenho os olhos malferidos, pensamentos de vida formulados, mas levo-te flores, são sobras arrancadas da terra que nos viu passar unidos e ora mortos nos deixa e separados.

(quinta-feira, de 21 junho)

Aqui estou, hoje, dia de meu aniversário natalício a receber cumprimentos e desejos de 'longos anos felizes'. Tal data já não é de alegrias para mim, depois que perdi a minha boa companheira de trinta e cinco anos. Aqui estou um triste velho desamparado, contando alguns poucos amigos.

(quarta-feira, 19 de setembro)

Já não tenho a esperança de dar a lume nem a metade das criações que dentro do coração e do cérebro se vão claramente elaborando. Faltam-me forças, ardem-me os olhos, doem-me as costas e os nódulos nos dedos...

(quarta-feira, 26 de dezembro)

A vida passa sem novidade. Ando bastante cansado, particularmente do pescoço, que me dói porque ontem gastei todo o dia a trabalhar. Para quem já havia feito o mesmo no domingo sem a interrupção das tardes, foi realmente demasiado. Mas eu não me corrijo.

1907

(quarta-feira, 2 de janeiro)

O velho amigo, solitário e doente, como eu, Mário de Alencar dá-me o bom conselho: "Não abuse de suas forças; não há serviço ou negócio público que valha o menor sacrifício da sua saúde".

(segunda-feira, 7 de janeiro)

Anda-me o espírito ainda tão desencantado, tão lerdo, tão frio. Não sei se terei tempo de dar forma e termo ao livro que medito e esboço. Se puder, será certamente o último.

(quinta-feira, 7 de março)

Esta manhã veio achar-me com princípio de gripe que continua. Trouxe-me o corpo molestado, além de outros fenômenos característicos, como a falta de apetite, amargor de boca e recrudescimento da coriza. Merde!

(sexta-feira, 22 de março)

Há três noites não saio de casa. Em plena gripe tinha passado duas delas no jardim vizinho, sentado, apanhando sereno. Por culpa de meu mal esta letra irregular e velha está cada vez pior.

(quinta-feira, 4 de setembro)

Desastre logo à recepção do Paul Doumer vir-me a vertigem que me prostrou domingo no Cais Pharoux. O fotógrafo Augusto Malta, uma senhora e outros amigos acudiram-me a tempo.

(segunda-feira, 16 de setembro)

Escreve-me o Azeredo: "O homem é menos livre no março que em terra. Maior independência tem a gente nas ruas de uma cidade do que nesta imensidade de águas, já que estamos limitados a poucos metros de madeira e ferro".

(domingo, 20 de outubro)

Parece-me que agora sou eu que tenho razão para queixas. Para que tanta claridade neste domingo doente? Aqui dentro há uma alma úmida, enfermiça, onde se multiplicam as dores. A vida, mormente nos velhos, é um ofício cansativo.

(segunda-feira, 16 de dezembro)

Recebi carta de Mário de Alencar: "Li impressionado as páginas em que traçou a figura verdadeira e sagrada de Dona Carmo. O mundo irá

admirá-la como obra de arte; eu, que adivinhei o modelo, li-o comovido, cheio de respeito pela doce evocação",

(domingo, 22 de dezembro)

Creio que este será o meu último livro. Faltam-me forças e olhos para outros. Além disso, o tempo é escasso e o trabalho lento. Vou devolver as provas ao editor, e aguardar a publicação do meu "Memorial de Aires".

1908

(sexta-feira, 7 de fevereiro)

Sou desses enfermos, doente sem médico. Sofri de "ausência" na Livraria do Garnier, onde bebi água e Julien Lansac me deu sais a cheirar. Era de tarde. Fizeram-me sentar e eu respondi em português ao que ele me disse em francês.

(sábado, 8 de fevereiro)

O mal não é tão grande como parece, mas é agudo, porque os nervos são doentes delicados e ao menor toque retraem-se e gemem. A "ausência" que senti ontem foi rápida, mas tão completa que de nada lembrei ao retornar dela. Daí a pouco recordei de tudo.

(domingo, 23 de fevereiro)

O mal-estar de espírito não se corrige por vontade, nem há conselho que o remova. Mas, se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu próprio mal, conseguirá alguma coisa.

(domingo, 22 de março)

Assim como Adão submeteu-se a Eva, igual que Macbeth dobrou-se ante Lady Gruoch, eis-me prostrado a teus pés Hylda. Porque também eu tenho desses estados de alma, e cá os venço como posso, sem animações de esposa, nem risos de filhos.

(sexta-feira, 17 de julho)

Por fim recebo a boa notícia de que a Alfândega entregou o meu "Memorial de Aires" ao Garnier e iniciará a sua jornada própria nas

mãos dos amigos e leitores. Uma vez que o livro não desagrade, basta como ponto final.

(sexta-feira, 24 de julho)

Não tenho aumento de força para poder agradecer a tudo o que as almas simpáticas sentem de mim. Ao fim de uma vida de trabalho e certo amor da arte que sempre me animou, vale muito sentir que encontro eco em espíritos ponderados e cultos. Vale por paga do esforço, e paga rara.

(sexta-feira, 31 de julho)

Três semanas de doente recolhido, e ainda não convalescido; estou a caldos e ovos. Um desarranjo intestinal, precedido de incômodo nervoso, me prostrou. Ao completar 69 anos e entrar nos setenta, minha saúde é saúde de velho.

(sábado, 1º de agosto)

Depois que minha mulher faleceu soube por algumas amigas dela de uma confidencia que ela lhes fazia: dizia-lhes que preferia ver-me morrer primeiro por saber a falta que me faria. Como de fato o foi, a falta é enorme e irreparável. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei.

(segunda-feira, 24 de agosto)

"Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria". Podem todos pensar que se trata de verdade absoluta, de confissão autobiográfica, e não do personagem Quincas Borba. Mas eu vivi a juventude com muito ardor, e confesso que não fui fiel cem por cento à Carolina.

(segunda-feira, 7 de setembro)

A morte levou muitos daqueles que eram conosco; possivelmente a vida terá levado também alguns outros, é seu costume dela, mas chegado ao fim da carreira é doce que nos anime a mesma voz antiga que nem a morte nem a vida fizeram calar.

(sábado, 19 de setembro)

Agora mesmo, de ânimo sereno e calmo, eu beberia uma xícara de chá, até mesmo um grogue de pinga, fumaria um charuto; se eu bebesse, se eu

fumasse, mas não bebo nem fumo. E com esta respiração em cacos, rachada em lascas como mensagem telegráfica, mal tenho fôlego para reclamar a taça de chá. A índole de viver esgarça-se cada vez mais fina e invisível que o fio do casulo.

(segunda-feira, 28 de setembro)

Consigo levantar-me, ando a pés descalços sobre o assoalho até a janela. Debruço-me para a Ladeira do Cosme Velho até perder de vista. As pedras úmidas unem-se com as calçadas, a copa dos oitizeiros fecha-se como um túnel de luz. O jornaleiro vende notícias, as crianças pulam corda, os vizinhos conversam rindo, todos se viram e me olham, como que assistindo a uma aparição sobrenatural.

Traslado do texto da ilustração.

4 de set. a ausência em casa de Garnier, onde bebi água e Lansac me deu sais a cheirar. Era de tarde. Fizera-me sentar; e eu respondi em português ao que me disse em francês. Saí, vim a casa, jantei e saí para ir à estrada de ferro, onde me despedi do Lauro Muller, que ia a Minas. Voltei e fui à casa do barão de Vasconcelos. Contei isto ao médico, dizendo-lhe que medeiam entre o fenômeno e a crise no Jornal 22 dias.

Caso da bacia, à noite (Ausência?).

17 de setembro; outra ausência a 18 de setembro.

9 de outubro (ao fim do jantar) crise. Não me ficaram as dores de costume, mas fiquei sonolento e não saí.

29 - Crise cólera – Criados - Encontro com o Afrânio (Peixoto?) e o Moacyr.

Novembro

Noite 3 para 4 - Amanheci... Não sei se foi ausência ou crise. Crise não me pareceu, não me ficaram outros sinais.

14 - Ausência.

15 - (noite) Sinais de crise, jantar boca amargosa e aquilo da...

Dezembro

4 - à tarde em casa, sono antes do jantar precedido do sintoma. Dor. Os outros dias leves incômodos nervos, menos intensos e duradouros, iguais aos que costumo ter.

(à tarde) Cochilo no bonde, e vontade de dormir.

Janeiro

Noite de 6 para 7 - crise -

Noite de 14 (jogando gamão com o Eugênio) - ausência; pouco tempo, continuei o jogo sem me levantar, e com a memória de tudo.

31 - Ausência, escrevendo de manhã, sono, voltei sentado e continuei a escrever; diferença apenas de algumas palavras escritas.

Rio de Janeiro, Cachambi, 9 de julho de 2019.